

Egito diz que paga mas não quer ingerência externa na economia

O presidente do Egito, Hosni Mubarak, em clara referência ao Fundo Monetário Internacional (FMI) disse que seu país não aceitará ingerência externa sobre a administração da economia e assegurou aos credores que os compromissos serão honrados.

Ao abrir, ontem, uma nova sessão do Parlamento, após empossar o novo gabinete liderado por Afet Sidki, Mubarak afirmou que "não pretendemos fugir às nossas responsabilidades com outros países ou transferi-las para outros, mas igualmente nós não aceitaremos ingerência de estrangeiros ou organizações sobre a condução de nossa política econômica".

Encontra-se no Cairo uma equipe do FMI mantendo consultas sobre a política econômica e examinando o pedido do país de um crédito "stand-by" de US\$ 1 bilhão para ajudar a amenizar o déficit de pagamentos superior a US\$ 3 bilhões, previsto para este ano.

A advertência do presidente egípcio foi interpretada como resposta às pressões do FMI para que o governo corte os subsídios que concede ao trigo e a outros gêneros de primeira necessidade; bem como promova a flutuação da moeda do país e permita a liberalização dos juros.

A dívida do Egito é de US\$ 38,6 bilhões, sendo que estão em atraso pagamentos de juros que somam US\$ 4 bilhões. Em julho último, o presidente Mubarak esteve na Inglaterra, na França, na Alemanha Ocidental e na Itália, que juntamente com os Estados Unidos e o Japão são os maiores credores do país.

Ontem, ele garantiu que continua mantendo "intensos contatos com os governos e as instituições internacionais visando ao reescalamento dos débitos, o que permitirá continuar o desenvolvimento e o pagamento dos compromissos".

Citou como um dos obstáculos para a implantação imediata de reformas econômicas profundas o crescimento da população (em média de 1,4 milhão anualmente), que já é de 51 milhões. Outro sério problema para o agravamento da crise econômica do país é a

queda dos preços do petróleo no mercado mundial.

Funcionários do FMI acreditavam estar obtendo sucesso em suas negociações com as autoridades quando repentinamente houve mudança no governo. No último domingo, o presidente afastou o primeiro-ministro Ali Lutfi, substituindo-o por Sidki.

Sidki afirmou ontem que muitas das condições do FMI são inaceitáveis. Como exemplo, citou a unificação das taxas de câmbio oficiais, que guardam pouca relação com o valor da libra no mercado livre. Apesar dos desacordos, algumas autoridades prevêem que um acordo com o FMI poderá ser alcançado ainda neste ano.

Banqueiros estrangeiros informam que o Egito está encontrando cada vez mais dificuldades para cumprir seus compromissos. Segundo o último relatório do FMI, as reservas "utilizá-

veis" de divisas estrangeiras do Egito são de cerca de US\$ 500 milhões, o que é suficiente para cobrir menos de um mês de importações.

NOVO GABINETE

O novo primeiro-ministro substituiu os ministros das Finanças e da Economia, numa importante reestruturação nas pastas responsáveis pela elaboração da política econômica do país. O governador do banco central renunciou ao seu cargo na segunda-feira.

O novo Gabinete egípcio — o quarto nos cinco anos de governo Mubarak — inclui nove novos ministros, os quais, da mesma forma que o primeiro-ministro, têm pouca ou nenhuma experiência no campo político.

Todos os quatro vice-primeiros-ministros da administração anterior foram mantidos em seus cargos, o que indica certa limitação na liberdade de Sidki

para reestruturar seu Gabinete.

Os quatro vice-ministros incluíam o marechal de campo Mohammed Adel — Halim Abu Ghazala, o poderoso ministro da Defesa, e Youssef Wali, o ministro da Agricultura e secretário geral do situacionista Partido Democrático Nacional.

A experiência política de Sidki é limitada, em comparação com a de seus vices. O novo primeiro-ministro do Egito, designado durante o fim de semana, era anteriormente presidente do órgão central de auditoria.

Youssef Mustapha, assistente de Sidki no órgão de auditoria, foi designado ministro da Economia, enquanto o novo ministro das Finanças é Mohammed Ahmed Al Razaz, professor da Faculdade de Direito da Universidade do Cairo. Sidki também era professor de Direito na Universidade do Cairo antes de assumir um posto burocrático importante no governo.